



III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
Natal/RN, 14 a 17 de setembro de 2008

Conversas profissionais: memórias de professores e história da Educação Matemática

Iran Abreu Mendes – UFRN
Natal-Brasil
e-mail: iamendes1@gmail.com

Considerações iniciais

A análise de itinerários, sistemas escolares, modelos de ensino, metodologias, materiais didáticos e livros são alguns fragmentos e rastros deixados na formação de educadores, cientistas, formadores de professores, entre outros personagens que compõem a história da Educação Matemática. A partir desses artefatos e dessas expressões orais e escritas se torna possível refletirmos a respeito da importância da compreensão das biografias, histórias de vida e memórias de matemáticos e professores de matemática, na tentativa de reconstrução da história da Educação Matemática.

Nesse sentido, tanto as histórias de vida e formação, a história oral, a organização e exploração de arquivos documentais, bem como o método biográfico, atualmente em plena utilização nas pesquisas em Educação Matemática, nos podem auxiliar na busca de responder como se constitui a trajetória formativa de um professor-educador e pesquisador na Educação Matemática e como se orienta seu percurso na escala de vida da sua auto-formação na perspectiva de um sujeito aprendente.¹ (JOSSO, 2004), considerando-o como objeto de observação e objeto pensado que se constitui

¹ Segundo a autora, o termo aprendente começa a ser utilizado em nossa língua e difere de aprendiz. Este último poderia remeter o leitor, equivocadamente, ao “grau de aprendiz” das corporações de ofício medievais. Além disso, o termo aprendente quer enfatizar o ponto de vista daquele que aprende e o seu processo de aprendizagem.

num eixo gerador e um ponto de convergência e complementaridade dos processos, da temporalidade, da experiência, da aprendizagem, do conhecimento e do saber-fazer.

Tomar as análises de documentos, publicações, falas e reflexões dos próprios sujeitos da pesquisa como princípios de validação dos estudos sobre si próprio e sobre as instituições e a organização da disciplina matemática em diferentes épocas e contextos, se constitui em um dos fundamentos que faz da abordagem histórica uma diretriz norteadora das pesquisas na formação de professores e no ensino da matemática, devido ao caráter da reflexividade que se pode operar a partir da realização de estudos e pesquisas em história da educação matemática bem como na análise dos resultados apresentados nesses trabalhos. Essa perspectiva contribui para que o professor formado ou em formação possa refletir sobre seu próprio processo formativo ao longo de sua trajetória profissional e intelectual. Nesse sentido, as narrativas centradas na (auto)formação e na formação de formadores são dois eixos norteadores dos contextos das experiências vivenciadas na formação de professores de Matemática.

O resultado de vários estudos em história da Educação Matemática tem apontado valiosos caminhos e focos de abordagem que possam melhor conduzir o processo da formação docente e de aprendizagem na Educação Matemática, isso porque as reflexões sobre tais estudos evidenciam a importância do processo formativo na superação de obstáculos encontrados na trajetória dos sujeitos da docência em matemática.

Percebe-se que, atualmente as histórias de vida, as biografias de matemáticos e professores de matemática do passado, foram se incorporando às pesquisas em Educação Matemática, trazendo contribuições importantes para a formação de professores de matemática, visto que essa abordagem se caracteriza pelo uso de multireferencialidade teórica na investigação e análise dos objetos estudados/investigados na Educação Matemática.

Neste artigo apresentamos um quadro demonstrativo de como essas tendências foram se incorporando nas pesquisas em história da Educação Matemática, apresentando uma síntese panorâmica a respeito do número de trabalhos publicados nos anais dos seminários nacionais de história da matemática e nos encontros luso-brasileiros de história da matemática

realizados no Brasil, nos últimos 13 anos. Para tanto, tomamos como referência os trabalhos relacionados à história da Educação Matemática presentes nesses anais dos Seminários Nacionais de História da Matemática, realizados em Recife (1995), Águas de São Pedro (1997), Vitória (1999), Natal (2001), Rio Claro (2003), Brasília (2005) e Guarapuava (2007).

Apresentamos uma classificação para esses trabalhos, considerando como critérios de categorização, aqueles que se aproximam da abordagem sobre história da vida de matemáticos ou educadores, história e memória, história oral, história das instituições, história das disciplinas, bem como algumas que se caracterizam por uma abordagem mista de pesquisa, na qual o pesquisador trata seu objeto de estudo por meios de mais uma dessas abordagens, anteriormente citadas, todas ligadas à reconstrução da história da Educação Matemática.

Para melhor encaminhamento dessa discussão temática, tomamos como elementos de apoio para nossas interlocuções os seguintes aspectos: a diversidade de fontes na pesquisa historiográfica e as tendências da pesquisa em história e antropologia, suas relações e implicações nas pesquisas em história da educação matemática, visando assim, apontar contribuições dessas abordagens para a Educação Matemática e a formação de professores.

Sobre a diversidade de fontes na pesquisa historiográfica

Muitos estudiosos e pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais têm mencionado que nos últimos tempos a narrativa histórica tem sofrido uma nova configuração, principalmente a partir dos estudos das escolas dos *Annales*, marcada pelos trabalhos de Lucien Febvre, Marc Bloch, entre outros (BURKE, 1997). Essa nova tendência influenciou áreas como a história, a antropologia, a sociologia, a educação e a história da ciência, de um modo geral, viabilizando a construção de vários trabalhos sobre a historiografia contemporânea da ciência e da tecnologia, incluindo, nesses estudos, a História da Matemática e da Educação Matemática.

A partir das mudanças incorporadas à história, esse movimento de construção e ampliação da historiografia das Ciências humanas e Sociais,

passou a evidenciar-se por meio de uma rica variedade de expressões e conceitos que adquirem significados diversos conforme o sistema teórico em que se inserem ou conforme a intenção de cada autor.

Alguns desses conceitos apontam para a existência de um processo de produção de significados, signos e valores na vida social como gerador de um corpo de idéias característico de um determinado grupo ou classe social. Essas idéias, entretanto, podem ser verdadeiras ou falsas, se manifestando, muitas vezes, como uma agente de legitimação de um poder político dominante, quando apresenta uma comunicação sistematicamente distorcida daquilo que confere certa posição a um sujeito.

As manifestações dessas formas de pensamento ocorrem a partir dos interesses sociais, podendo se constituir em uma ilusão socialmente necessária manifestada na informação histórica. São evidenciadas na forma de um veículo de representação pelo qual atores sociais conscientes entendem o seu mundo como um conjunto de crenças orientadas para uma ação em que os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social e cuja vivência é convertida em uma realidade natural.

Nesse processo de elaboração das verdades evidenciadas pela organização das informações históricas, “o historiador vai e vem do presente ao passado, realiza dois movimentos contrários e complementares do presente à origem, da origem ao presente”. (REIS, 2004. p. 45). A operacionalização dessa dinâmica tem como ponto de partida e de chegada, a verdade histórica como forma de construção e validação de uma realidade que visa dar novo significado ao contexto investigado, quer seja ele, local ou global.

Nesse sentido, Reis (2004) nos informa que

a história de um indivíduo, de um povo ou de uma nação é uma multiplicidade coerente, e os eventos dispostos possuem um fio condutor que não corresponde ao tempo da profecia nem ao da utopia, mas ao tempo singular da individualidade total histórica. Essa individualidade possui uma estrutura e uma evolução. Sua evolução, limitada pela estrutura, é a realização de suas tendências internas e, ao mesmo tempo, uma ‘vitalidade’: criação constante, imprevisibilidade. (REIS, 2004, p.38).

Assim, a história explica o processo de organização da interpretação singular e plural dos fenômenos sociais e culturais de que fala. Todavia, as informações históricas organizadas durante o processo de construção da

historiografia se apresentam como uma explicação que nem sempre se evidencia de forma integral, pois cada história generaliza o que é possível, de acordo com o objeto a ser investigado historicamente, das fontes considerados e dos métodos tomados na construção historiográfica.

Há, segundo Schaff (1994, p. 207), vários níveis de generalização como, por exemplo, o nível da descrição individual às interpretações muito gerais da história. Ocorre, então, que os diversos níveis de explicação histórica estão diretamente relacionados aos diversos tipos de generalização.

Essa afirmação nos leva a concluir que as questões respondidas no processo de investigação histórica estão continuamente apoiadas no processo de continuidade parcial dado à verdade estabelecida por meio das fontes de pesquisa histórica, dos procedimentos investigatórios e dos métodos de descrição e análise estabelecidos. Há necessidade, entretanto de se estabelecer uma abordagem centrada em uma hibridação, uma complementaridade ou uma suplementaridade que viabilize a construção da verdade histórica.

A esse respeito Foucault (2000, p. 5), aponta que “as descrições históricas se ordenam necessariamente pela atualidade do saber, se multiplicam com suas transformações e não deixam por sua vez, de romper com elas próprias”. Para sustentar sua proposição Foucault apresenta como exemplo a matemática afirmando que

a matemática retranscreve seu percurso histórico real, no vocabulário das vizinhanças, das dependências, das subordinações das formalizações progressivas, das generalidades que se enredam. ... Cada peripécia histórica tem seu nível e sua localização formais. Trata-se de uma análise recorrencial que só pode ser feita no interior de uma ciência constituída, uma vez transposto seu limiar de formalização. (FOUCAULT, 2000, p. 215).

Podemos, com isso, admitir a existência de uma incessante busca de reorganização das informações históricas na tentativa de aproximação cada vez mais íntima do historiador com a verdade histórica procurada, ou seja, uma tentativa contínua de reprodução escrita, da realidade contada, lembrada, imaginada ou observada por cada indivíduo envolvido na sistematização do momento historiografado.

Para Le Goff (1991, p. 13), entretanto, “existe uma perigosa disparidade entre a enorme proliferação metodológica na historiografia científica e a sua ausência ao nível dos livros escolares sobre o assunto, pois a maneira como a historiografia se constrói e se modifica, mantém-se oculta”. Vê-se, então, que essa multiplicidade de abordagens para a historiografia, origina uma variedade de fontes de pesquisa que tem como finalidade principal instituir da maneira mais próxima possível do real, as informações históricas, com vistas a transparecer um panorama de continuidade na realidade construída. Tais fontes, na maioria das vezes, surgem nos processos estabelecidos durante a operacionalização das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais como a antropologia, a história e a sociologia.

As tendências da pesquisa em história e antropologia e historiografia

As pesquisas realizadas por estudiosos da área de Ciências Humanas e Sociais têm contribuído fortemente para que outras áreas que se desenvolvem com base na pesquisa histórica ou no exercício da historiografia. A história da ciência e a história da educação matemática, por exemplo, puderam ampliar as possibilidades de construção dos seus objetos de estudos, bem como dar uma conotação científica às verdades estabelecidas no processo historiográfico a partir do uso dessas modalidades de métodos adotados nas Ciências Humanas e Sociais.

Para Certeau (1991, p. 28), “a antropologia insinua na história uma outra relação com o tempo: já não se trata de um tempo que se repete, que evolui em espiral, que tem nós e volta atrás, um tempo manhoso, enganador e cheio de sinuosidade”. Essa perspectiva implica que ao emergirmos num processo de observação, descrição e interpretação da realidade pesquisada, é necessário estabelecermos alguns patamares de comparação nos quais deve ficar evidente que

a diferença entre a história do presente e a do passado não deve fazer esquecer um terceiro elemento que já não diz respeito ao objeto estudado, mas à perspectiva em que se faz o estudo, ou seja, uma historicização da própria história. O que está, então, em jogo é a capacidade da história se explicar como efeito de técnicas

contemporâneas, de um meio social de posições econômicas e políticas. (CERTEAU, 1991, p. 29).

O autor afirma, ainda, que o trabalho histórico inscreve-se no interior das lutas sócio-econômicas e ideológicas presentes nas narrativas da escrita de si e na história de vida reconstruída. A partir de reflexões como a apresentada por Certeau, fica evidente que cada uma dos envolvidos no processo de descrição histórica, deixa transparecer a sua forma de ver e analisar o mundo com todos os seus aspectos em cada época e local, dando a historiografia construída uma evidência do seu foco de olhar sobre o objeto descrito.

A respeito dos estudos referentes à historiografia da ciência e tecnologia contemporâneas, Söderqvist (1997) nos apresenta um balanço temporal acerca dessa história mostrando que a atual orientação a respeito dos estudos da área tem se manifestado na direção de uma sociologia da ciência, dos estudos sociais, do conhecimento científico, dos estudos sobre a construção social do conhecimento científico, dos estudos bibliográficos críticos, dos estudos sobre controvérsias científicas e da retórica da ciência. Esses e outros temas que evidenciam os estudos de casos na história da ciência recente apontam uma variedade de tendências teórico-metodológicas das pesquisas na nova história da ciência mostrando as contribuições que essas tendências têm dado para a emergência de novos estudos históricos com significado para a ciência recente.

Todavia, os historiadores da ciência atual têm enfrentado uma série de obstáculos que interferem na legitimação das informações obtidas por meio de determinadas fontes utilizadas. Dentre elas está o problema de acesso aos documentos originais e a utilização de comentadores desses materiais. Outro fato refere-se ao enquadramento quantitativo das informações obtidas desses documentos e da sintetização crítica de tais materiais históricos. A opção adotada pelos pesquisadores é a utilização de métodos apoiados pela pesquisa antropológica em todas as suas dimensões visando assim, diminuir o caráter de exatidão exigido nas informações, mas garantindo, de antemão, a abordagem científica necessária para validação do estudo histórico.

Um das modalidades que melhor vem se estruturando nesse movimento de reconstrução da recente história da ciência refere-se à localização e exploração das informações mantidas por interlocutores que estiveram incluídos direta ou indiretamente nos fatos históricos pesquisados. O modo de

se praticar esse exercício de pesquisa se manifesta fortemente nos estudos sobre memória e história, via uma abordagem apoiada na história oral ou na abordagem biográfica e história de vida.

As tendências atuais das pesquisas em história da Educação Matemática têm mostrado algumas modalidades que se caracterizam pela migração conceitual e pela hibridação conceitual, ou seja, as informações são rearranjadas de modo a dar significados aos estudos realizados. Isso significa que há uma reorganização de técnicas e formas de conceber a verdade na história do conhecimento tendo em vista tecer um novo panorama da história em diversos contextos, áreas e épocas. É dessa reorganização metodológica de pesquisa caracterizada por uma bricolagem de técnicas que o historiador traça seus planos de estudos e pesquisas de modo a aproximar-se, o máximo possível, da verdade que pretende instituir no seu percurso historiográfico. Desse movimento surgiu, então, uma série de relações que implicaram nas novas tendências nas pesquisas em história da Educação Matemática.

Relações e implicações das tendências nas pesquisas em história da Educação Matemática

A respeito das relações e implicações das tendências em história da Educação Matemática, consideramos oportuno iniciar nossos comentários sobre esse aspecto, com um questionamento atribuído a Certeau (1991) quando indaga por que é que a matemática ocupou um lugar da história, ou seja, daquilo que foi, durante muito tempo, o fundamento de identificação e justificação um poder social. Certeau (1991) afirma que esse fato ocorreu porque os critérios de seleção social mudaram. Um a sociedade privilegia, nos seus modos de iniciação, o que é privilegiado no seu funcionamento.

É com base nesse questionamento que Certeau afirma que

a matemática desempenha atualmente, o papel ocupado anteriormente, pela retórica, o latim e a história. Isso se deve a mudança nos programas escolares. É necessário, entretanto, nos interrogarmos a respeito dos fatores que ocasionaram tais mudanças atribuindo à matemática a função de uma taxonomia socialmente eficaz e à história a figura de narrativas para o serão e para os tempos livres da televisão, narrativas tanto mais manipuláveis quanto

dizem respeito a fatos que já deixaram de existir. (CERTEAU, 1991, p. 12-13).

É nessa perspectiva que a pesquisa voltada para a construção de uma historiografia para a Educação Matemática que encontramos uma ampliação do campo referente aos métodos e abordagens de pesquisa nessa área, nos seminários nacionais de história da matemática, bem como nos seminários luso-brasileiros de história da matemática. Nesse sentido, apresentamos a seguir o quadro referente ao número de trabalhos publicados nos anais desses eventos e seu enquadramento em algumas dessas tendências da pesquisa na área.

Sobre os textos publicados nos anais dos SNHM

Para que fosse possível verificarmos as tendências dos estudos apresentados e publicados nos anais dos Seminários Nacionais de História da Matemática/SNHM, consideramos necessários realizar uma classificação inicial dos textos publicados visando analisar cada um deles. Decidimos partir de um trabalho anterior realizada por Sad (2005), no qual os trabalhos publicados nesses anais foram agrupados em: resultados de pesquisa, relatos de experiências e projetos de pesquisa.

Quadro 1: Trabalhos publicados nos anais dos Seminários Nacionais de História da Matemática – SNHM (1995 – 2007)

Seminários realizados	Nº de trabalhos publicados	Nº de trabalhos sobre história da Educação Matemática
1º SNHM	30	11
2º SNHM	38	16
3º SNHM	55	17
4º SNHM	62	20
5º SNHM	39	12
1º CBHM	50	8
6º SNHM	14	28
7º SNHM	62	32
Total	350	144

Nessas publicações foi possível verificamos como as tendências das pesquisas em ciências humanas e sociais, principalmente da antropologia, sociologia e história, bem como aquelas representadas pela *nova história*, se incorporaram aos estudos relacionados à história da Educação Matemática. A variedade de tendências nas pesquisas apresentadas nesses seminários foi aumentando de modo a dificultar a inclusão de determinados trabalhos em uma ou outra categoria, mas mesmo assim notamos que há uma consolidação de várias dessas tendências, o que evidencia o crescimento das pesquisas na área.

Em cada uma das três categorias estabelecidas, Sad reorganizou os trabalhos em:

1. Investigação sobre a vida de matemáticos ou educadores;
2. Investigação sobre a evolução de algum conceito ou teoria;
3. Investigação sobre uma área de conhecimento;
4. Investigação sobre instituições;
5. Investigação sobre o contexto cultural de uma criação;
6. Investigação sobre uma época determinada;
7. Investigação sobre um grupo específico;
8. Investigação sobre as relações da matemática com outras áreas do conhecimento;
9. Investigação sobre as aplicações da história da matemática;
10. Investigação sobre livros didáticos;
11. Investigação sobre o desenvolvimento de produções sobre história da matemática.

Para a realização de nossa análise, selecionamos, dentre essas onze categorias, aquelas que mais se aproximam da abordagem biográfica ou daquelas que implicitamente apontam na direção da história da formação de educadores. Sendo assim, optamos por centrar-nos nas categorias 1, 4, 6 e 7, incluindo, ainda, a história oral e uma abordagem considerada mista por tomar mais de uma das quatro escolhidas para nossa análise. Vejamos, a seguir, o quadro representativo desses anais.

Quadro 1: Trabalhos publicados nos anais dos SNHM (1995 – 2007):
abordagens voltadas para a pesquisa em história da Educação Matemática

Tipo de abordagem	1º SNHM	2º SNHM	3º SNHM	4º SNHM	5º SNHM	1º CBHM	6º SNHM	7º SNHM	Total
Abordagem biográfica	2	3	2	5	1	3	7	4	27
História e Memória	0	2	0	3	0	0	1	5	11
Historia Oral	0	0	0	1	1	0	1	2	5
História das Instituições	1	1	6	1	5	2	4	6	26
História das disciplinas	3	5	6	7	3	2	8	8	42
Abordagem mista	5	5	3	3	2	1	7	7	33
Total	11	16	17	20	12	8	28	32	144

O quadro apresentado anteriormente nos mostra o quanto cada uma das tendências foi avançando no decorrer dos seminários nacionais, com exceção dos trabalhos exclusivamente centrados em história e memória ou história oral. O número de trabalhos referentes a essas duas abordagens nos mostra essas abordagens ainda estão em fase embrionária nas pesquisas em história da educação Matemática.

Dos 350 trabalhos publicados ao longo dos 8 eventos, 144 referem-se às abordagens voltadas para relacionados com a história da educação matemática, com temas diretamente relacionados com biografias, memória ou alguma abordagem similar, sempre envolvendo as atividades de algum matemático ou professor de matemática em contexto histórico de determinada época. Esse resultado denota que ao longo desse período de 13 anos houve um total de 41% de trabalhos referentes às abordagens mencionadas, o que indica um avanço significativo de inclusão dos referenciais teóricos apoiados na nova história, no desenvolvimento das pesquisas na área de história da Educação Matemática.

Podemos perceber que os 30 trabalhos publicados nos anais 1º SNHM sinalizam uma diversidade e entrecruzamento de relações no campo da história da educação matemática se acentuou, ns levando a concluir que nesse período a maioria dos trabalhos apresentados evidenciava o uso de uma abordagem mista de pesquisa, envolvendo duas ou mais tendências conectadas para dar conta dos objetivos da pesquisa.

Notamos, também, que nos 38 trabalhos publicados nos anais do 2º SNHM a abordagem mista continuava sendo uma tendência natural nos trabalhos devido a indefinição clara de uso de uma única tendência por parte dos pesquisadores.

Notamos que nos anais do 3º SNHM, os trabalhos publicados apresentam como destaque os estudos voltados para a história das disciplinas, pois acentuadamente essa tendência ficou bem definida nas abordagens metodológicas de pesquisa apresentadas.

Nos Anais do 4º SNHM os trabalhos publicados tiveram como destaque a abordagem biográfica com 5 trabalhos e a história das disciplinas com 7, totalizando 12 dos 20 relacionados a essas tendências.

Com relação aos trabalhos voltados para a história da Educação Matemática, publicados nos Anais do 5º SNHM, percebemos que as abordagens referentes à história das instituições e à história das disciplinas, corresponderam a 42% e 25% dos 12 trabalhos contidos nos anais.

Nos Anais do 6º SNHM foram publicados 28 trabalhos relacionados a história da Educação Matemática, dos quais se destacaram a história das instituições e a história das disciplinas. Notamos, ainda, que o número de trabalhos centrados em uma abordagem mista foi bastante significativo. Essas três modalidades totalizaram 68% dos 28 trabalhos analisados.

Com relação aos Anais do 1º Colóquio Brasileiro de História da Matemática – CBHM, realizado conjuntamente com o 4º Encontro Luso-brasileiro de História da Matemática, foram publicados trabalhos relacionados a história da Educação Matemática, destacando-se a abordagem biográfica com 3 dos 8 trabalhos publicados.

Em relação aos trabalhos apresentados no 7º SNHM, nos baseamos no caderno de resumos do referido seminário, de modo a analisar os resumos da categoria comunicação-poster. A esse respeito verificamos que dos 32 trabalhos voltados para a história da Educação Matemática, 66% referem-se a história das instituições, história das disciplinas e abordagem mista, todos envolvendo aspectos diretamente voltado para os estudos biográficos mesmo que indiretamente. Sobre os estudos especificamente ligados a história de vida ou biografia, podemos afirmar que apenas 13% dos trabalhos têm essa característica exclusiva.

Ao longo dos seminários percebemos que houve um percentual de 19% de trabalhos voltados para a abordagem biográfica, 8% voltados para a abordagem centrada em história e memória, 3% para a história oral, 18% para a história das instituições, 29% para a história das disciplinas e 23% com características de uma abordagem mista.

Convergências, aproximações e complementaridades na pesquisa em história da Educação Matemática

Com base na investigação efetivada nos anais dos seminários nacionais de história da matemática e nos encontros luso-brasileiros de história da matemática nos foi possível estabelecer alguns pontos conclusivos sobre o itinerário da pesquisa em história da educação matemática e os modos de abordagem construídos ou reestruturados nesses 13 anos.

Nota-se que houve um crescimento significativo na qualidade dos trabalhos, bem como um acréscimo valioso na variedade de abordagens e na conjugação de tendência de modo a gerar formas mistas de investigação e análise das informações históricas de modo a tecer um painel mais detalhado dos caminhos pelos quais a história da educação matemática veio seguindo ao longo dos últimos 100 anos.

Bibliografia

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*. A revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. 3ª Reimpressão. São Paulo: editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Tradução Magda Lopes. 3ª Reimpressão. São Paulo: editora da UNESP, 1992. (Coleção Biblioteca Básica).

CERTEAU, Michel de. A história: uma paixão noiva. In: LE GOFF, Jacques et al. *A nova história*. Lisboa: edições 70, 1991. (Série Lugar da história).

DUBY, Georges. *A história continua*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1993.

FOSSA, John A. (Ed.). *Anais do Seminário Nacional de História da Matemática*. Rio Claro: SBHMat, 2001.

FOSSA, John A. (Org.). *Anais do I Colóquio Brasileiro de História da Matemática e IV Encontro Luso-brasileiro de História da Matemática*. Natal: SBHMat; Edufrn, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

KRAGH, Helge. *An introduction to the historiography of science*. Cambridge: Cambridge university press, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: editora da UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques et al. *A nova história*. Lisboa: edições 70, 1991. (Série Lugar da história).

LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Orgs.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palmas, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação).

NOBRE, Sergio R. (Ed.). *Anais do II Seminário Nacional de História da Matemática e II Encontro Luso-brasileiro de História da Matemática*. Rio Claro: UNESP, 1997.

PACHECO, Edilson Roberto; VALENTE, Wagner Rodrigues (Orgs.). *Caderno de Resumos do VII Seminário Nacional de História da Matemática*. Guarapuava: editora da UNICENTRO, 2007.

REIS, José Carlos. *A história entre a filosofia e a ciência*. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

SAD, Ligia Arantes. *Anais do VI Seminário Nacional de História da Matemática*. Rio Claro: SBHMat, 2005.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1994.

SILVA, Circe Mary Silva da. (Ed.). *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*. Vitória: edufes, 1999.

SÖDERQVIST, Thomas. Who Will Short out the hundred or more Paul Ehrlichs. Remarks on the historiography of recent and contemporary technoscience. In: SÖDERQVIST, Thomas. (Ed.). *The historiography of contemporary science and technology*. Amsterdam: Harwood academic publishers, 1997. (Coleção Studies in the history o science, technology and medicine, v. 14).

TEIXEIRA, Marcos V.; NOBRE, Sergio R. Anais do V Seminário Nacional de História da Matemática. Rio Claro: SBHMat, 2003.